



# ***A messe é grande***

**Instrutivo de Formação I  
para Equipes de Animação Vocacional**



**agostinianos  
recoletos**





# ***A messe é grande***

INSTRUTIVO DE FORMAÇÃO I

PARA EQUIPES DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL



ORDEM DOS AGOSTINIANOS RECOLETOS  
SECRETARIADO DE VOCAÇÕES E JUVENTUDE  
SEÇÃO DE VOCAÇÕES





## Introdução

Por toda a Ordem está sendo feito um trabalho para criar uma verdadeira cultura vocacional. Com a aplicação dos critérios pedagógico-pastorais do **Itinerário Vocacional Agostiniano Recoleta (IVAR)**, queremos atingir este objetivo. Em todos os nossos ministérios iniciamos um processo que envolve três ações fundamentais: ARAR, SEMEAR e CULTIVAR.

Esse processo conta com a valiosa e insubstituível contribuição dos leigos, especialmente aqueles que assumem o compromisso de colaborar com a animação das vocações. A **Instrução de Formação** que estamos apresentando agora é dirigida especialmente a eles e também aos religiosos comprometidos com esta tarefa.

Agradecemos ao Senhor pelo surgimento das **Equipes de Animação Vocacional (EAV)**, queremos oferecer uma estrutura relacional temática que clarifique o processo de formação.

Como você poderá ver, os temas oferecidos ajudarão nossos diretores vocacionais e os leigos que compõem a EAV a serem introduzidos aos temas de animação vocacional que se referem às orientações e ações pedagógicas propostas nas três fases do IVAR acima mencionadas: arar, semear e cultivar, cujos três eixos são respectivamente a cultura vocacional, o *kerigma* vocacional e o acompanhamento vocacional.

Cada tópico apresenta, além de seu desenvolvimento, um objetivo e perguntas para trabalhar pessoalmente e em grupo. Os temas, em geral, seguem um plano, mas são apresentados em módulos subdivididos em áreas temáticas, para que possam ser trabalhados com suficiente liberdade, ou seja, nos momentos e nas formas apropriadas, tendo em mente a realidade de cada ministério.

Esperamos que esta **Instrução de Formação** se torne uma ferramenta útil para alcançar uma formação completa dos agentes pastorais de nossa Ordem, a fim de garantir a geração e o enraizamento de uma cultura vocacional frutífera.

Secretariado das Vocações e da Juventude  
Seção das Vocações



## Plano de desenvolvimento temático

### Módulo I

#### *Temas bíblicamente orientados*

1. As histórias vocacionais da Bíblia
2. Discipulado

#### *Questões de orientação antropológica*

3. Antropologia e Vocação
4. Cultura Vocacional

#### *Tópicos de orientação teológica*

5. Teologia Vocacional: O Deus que chama
6. Cristo, razão e modelo de toda vocação

#### *Tópicos de orientação pastoral*

7. Animação Vocacional/ Treinador Vocacional
8. A Comunidade Vocacional

### Módulo II

#### *Temas bíblicamente orientados*

1. Figuras bíblicas: Abraão e Moisés
2. Figuras bíblicas: São Paulo

#### *Questões de orientação antropológica*

3. Desejo
4. Sentido de vida

#### *Tópicos de orientação teológica*

5. O Espírito e a espiritualidade vocacional
6. A Igreja, mãe das vocações



*Tópicos de orientação pastoral*

7. O kerigma vocacional
8. Acompanhamento vocacional

### **Módulo III**

*Temas bíblicamente orientados*

1. Seguindo Cristo
2. Maria

*Questões de orientação antropológica*

3. Adolescentes/jovens
4. Projeto de Vida

*Tópicos de orientação teológica*

5. Estados ou formas de vida
6. Missão e Vocação

*Tópicos de orientação pastoral*

7. Orientação vocacional
8. Dia Mundial de Oração pelas Vocações



# MÓDULO I





## AS HISTÓRIAS VOCACIONAIS DA BÍBLIA<sup>1</sup>

### Objetivo

Vamos nos dedicar a escrever quais seriam os momentos essenciais de todo processo vocacional, com base nas narrativas bíblicas da vocação. É curioso como na Bíblia nunca aparece uma definição ou explicação do que é vocação; aparecem, entretanto, muitos textos que “narram” experiências vocacionais para nós.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. Escolha

Toda vocação começa como uma escolha de Deus. E toda escolha de Deus é sempre uma graça. Esta experiência de sentir-se escolhido por Deus desde o início é evidente na experiência de Jeremias: “*Antes de formar-te no ventre te conheci; antes de saíres do ventre te consagrei*” (cf. Jeremias 1,5). A eleição é eterna na mente de Deus.

1. *A iniciativa é de Deus.* É ele quem escolhe. Ao contrário de uma profissão, que escolhemos por algum gosto ou interesse pessoal, no caso de uma vocação, é Deus quem nos escolhe. Resta-nos, no entanto, aceitar ou rejeitar essa escolha.
2. *A eleição é uma graça,* um dom de Deus para o escolhido e, nele, para todo o povo. Em cada pessoa que experimenta a eleição de Deus, ele manifesta para nós seu amor e predileção. Isto é belamente expresso na história vocacional de Maria: o anjo a saúda com esta mesma palavra: “*Alegrai-vos, ó cheia de graça*”. (Lc 1:28).
3. *A experiência é um mistério.* Muitas vezes os escolhidos se perguntam por que eu e não outra pessoa? Tal é a experiência de Moisés: “*Ai de mim, Senhor, envia qualquer outra pessoa*” (Ex 4,13). A única explicação é que Deus é livre e que, com sua liberdade, ele faz o que é melhor para nós. Ele o faz porque quer; nós, homens, não podemos dar outra explicação.
4. *Deus escolhe os humildes.* Muitas vezes a escolha de Deus recai sobre os humildes e simples, sobre aqueles que aparentemente não têm qualidades. Esta é a experiência de Moisés, que é um gago (Ex 4,10); Jeremias, que é uma criança (Jer 1,6); Maria, que é pobre e humilde (Lc 1,48); Paulo, que é um perseguidor dos cristãos (Heb 9,1-2) e muitos outros.
5. *A eleição se qualifica para a missão.* Mas esta escolha de Deus não significa que Ele exija de nós algo que não seremos capazes de realizar. A escolha não recai sobre esta ou aquela pessoa porque ela tem mais qualidades ou porque é melhor do que as outras. Deus estará com aquele escolhido para realizar a missão a ele confiada. As palavras de Agostinho podem vir à mente:

<sup>1</sup> G. VARELA ALVERIÑO, *LOS LLAMADOS. APUNTES PARA UN PASTORAL VOCACIONAL*, ED. SAN PABLO, 1994.





“Dai-me o que mandas e manda o que quiseres” (SANTO AGOSTINHO, *Confissões. 10,40*).

## 2. Vocação

Quando essa escolha de Deus se torna palavra, o grande momento de toda vocação é alcançado: o chamado. Deus chama através de sua palavra. A própria palavra de Deus já é um chamado no sentido de que ela procura despertar em nós uma resposta. Hoje, Deus nos chama de uma forma muito especial através de Cristo, o Verbo encarnado do Pai.

1. *Deus chama pelo nome.* É assim que Abraão (Gn 22,1), Moisés (Ex 3,4), Maria (Lc 1,30), Paulo (Hb 9,4) experimentaram-No... O nome significa para a mentalidade bíblica a própria essência da pessoa. Quando Deus chama pelo nome, ele se refere à totalidade da pessoa: o que ele é em si mesmo e as circunstâncias que o cercam.
2. *Em circunstâncias específicas.* O chamado de Deus não nos separa da realidade que vivemos, mas precisamente para transformá-la. É por isso que os chamados de Deus na Bíblia acontecem nas atividades mais cotidianas da vida: Moisés estava pastoreando o rebanho de seu sogro (Ex 3,1); Pedro e André estavam lançando as redes (Mt 4,18); Tiago e João estavam consertando as redes (Mt 4,21).
3. *Através de muitas mediações.* A vocação é descoberta através de mediações: eventos, pessoas, experiências... É o caso de Moisés, que tem um anjo aparecendo a ele como uma chama queimando no mato (Ex 3,2); Maria, que também recebe o anjo Gabriel (Lc 1,26). Até alguns apóstolos atuam como mediadores na vocação de outros: André o faz na vocação de Pedro (Jo 1,41-42), Filipe na de Natanael (Jo 1,45)...
4. *Apesar das objeções.* Opor-se ao chamado de Deus também é típico das histórias vocacionais bíblicas. Ela expressa a sensação de não entender o significado do chamado e, ao mesmo tempo, de não se sentir qualificado para responder. Podemos citar novamente Abraão: “*Senhor, por que me darias algo se eu vou morrer sem filhos?*” (Gn 15,2); Moisés: “*Mas, Senhor, eu não sou um homem de linguagem fácil*”... (Ex 4,10); Jeremias: “*Senhor, não sei falar, porque sou uma criança*” (Jr 1,6); Maria: “*Como pode ser assim, se sou virgem?*” (Lc 1:34).
5. *A resposta é da parte do autor do chamado.* Mas para que esse chamado se torne realidade, a resposta humana é necessária. Até agora, tudo consistia em saber como ouvir a Deus, sua palavra. Mas agora a palavra daquele que foi chamado também é necessária. Essa resposta é expressa nos relatos bíblicos de maneira afirmativa, assumindo na própria vida a vocação de Deus com gestos ou palavras como Abraão: “*Abraão partiu como o Senhor lhe havia dito*” (Gn 12,4); Moisés: “*Eis-me aqui*” (Ex 3,4), ou Maria: “*Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*”. (Lc 1,38).



### 3. Missão

O significado mais profundo de toda vocação é dado pela missão; é o que, no final, sustenta o chamado. Deus não chama por chamar, ele chama por algo. Nas histórias apresentadas, a missão aparece de uma forma clara. A missão de Abraão consiste em ser o pai de um grande povo: “Farei de vós um grande povo” (Gn 12,2); a de Moisés é libertar o povo escolhido da escravidão do Egito: “Eu vi a aflição do meu povo... Eu vos envio ao Faraó para tirar o meu povo do Egito” (Ex 3,7).10); Jeremias tem a missão de ser o profeta das nações: “Eu te fiz profeta das nações” (Jr 1,5); Maria é chamada a ser a mãe do Messias: “Tu conceberás e darás à luz um filho... ele será chamado filho do Altíssimo” (Lc 1,31-32); os apóstolos para estar com ele e continuar sua missão: “Designou doze, a quem chamou apóstolos, para estarem com ele e serem enviados a pregar” (Mc 3,13) e a missão de Paulo será a proclamação do Evangelho entre os gentios: “Ide... levai meu nome a todas as nações, a seus governantes e ao povo de Israel” (Heb 9,15).

O número 77 da exortação de Bento XVI *Verbum Domini* pode servir para encerrar este tema e concluir que a Palavra de Deus é um meio privilegiado para nos descobirmos como *chamados*:

“(...) esta Palavra chama cada um pessoalmente, manifestando assim que a própria vida é uma vocação em relação a Deus. Isto significa que, quanto mais aprofundarmos nossa relação pessoal com o Senhor Jesus, mais perceberemos que Ele nos chama à santidade através de escolhas definitivas, com as quais nossa vida corresponde a Seu amor, assumindo tarefas e ministérios para edificar a Igreja.”

#### Perguntas para reflexão pessoal e em grupo



1. Como posso descobrir em minha própria vida os elementos de toda vocação?
2. Que narrativa vocacional da Bíblia mais lhe impressiona? Por quê?



## DISCIPULADO<sup>2</sup>

### Objetivo

Reconhecer que por trás de toda vocação há um convite para fazer parte do discipulado de Jesus e conhecer suas principais características.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. Introdução

Queremos estudar a primeira experiência de discipulado cristão, ou seja, o modo de vida que Jesus de Nazaré propôs a seus seguidores mais próximos.

#### 2. O discipulado no tempo de Jesus

Ao longo da história de Israel, o relacionamento mestre-discípulo havia sido cultivado nos círculos dos sábios (cf. Pv 2,1) e entre os profetas (cf. Is 8,16). O discipulado próprio dos círculos de sabedoria tinha como objetivo a transmissão da sabedoria adquirida por experiência, enquanto o discipulado profético estava centrado na adesão ao profeta e na mensagem que ele transmitia em nome de Deus. Estas duas formas básicas de discipulado sobreviveram no tempo de Jesus.

O tipo de relacionamento que os sábios estabeleceram com seus discípulos é semelhante ao que os escribas e mestres da lei estabeleceram com seus próprios discípulos. A relação entre professores e discípulos foi altamente valorizada entre eles e foi o pilar no qual se baseou a tradição rabínica que, mais tarde, daria origem ao judaísmo como o conhecemos hoje. O principal objetivo do discipulado rabínico era ensinar a Lei e sua correta interpretação. Normalmente não foi o professor que escolheu seus discípulos, mas foram eles que pediram sua instrução (cf. Mc 12:28-34).

O discipulado profético, representado no relacionamento de Elias com Eliseu (1 Reis 19,19-21), continuou a ser praticado nos movimentos de renovação despertados pelos profetas e líderes que esperavam a iminente intervenção de Deus. João Batista foi a força motriz de um desses movimentos, e o que sabemos sobre ele nos dá uma ideia do que esses profetas chamavam de seus discípulos.

A relação de Jesus com seus discípulos assumiu as características destes dois tipos de relação disciplinar. Por um lado, Jesus e alguns de seus discípulos foram por algum tempo discípulos de João Batista (cf. Jo 1,27; Mc 1,7; Jo 1,35-42) e no novo grupo formado por eles alguns dos traços deste tipo de discipulado profético sobrevivem. Por outro lado, Jesus tinha um grande interesse em instruir seus discípulos e o fazia usando formas e recursos da tradição da sabedoria.

---

<sup>2</sup> Este tema é fundamentalmente tirado de S. GUIGARRO PORTO, “Discipulado”, em: E. BORILE, L. CABBIA, E L. MAGNO (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005.



### 3. O discipulado de Jesus

Nosso principal acesso ao discipulado de Jesus são os Evangelhos. Mas os evangelhos são, ao mesmo tempo, janelas que permitem o acesso a Jesus e espelhos que refletem a situação das comunidades nas quais eles foram escritos.

O discipulado de Jesus tem *três momentos* ou ingredientes que estão relacionados um ao outro: o chamado, o acompanhamento e o envio. Esta relação aparece no convite de Jesus a dois de seus primeiros discípulos: “Sigam-me e eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1,17). Para conhecer o discipulado de Jesus é necessário, portanto, conhecer com mais detalhes estes três momentos que o configuram:

#### a) Chamado

O chamado de Jesus a seus discípulos tem um lugar importante nos Evangelhos. Ele aparece explicitamente nas chamadas histórias vocacionais e implicitamente em muitas outras passagens, que falam da decisão de seguir Jesus. Aqui estudaremos apenas as histórias *vocacionais*, que reúnem de forma sintética a experiência do chamado. Agora vamos nos concentrar em Marcos e João.

Os relatos de Marcos (cf. Mc 1,6-18,19-20 par.; Mc 2,14 par.) são ambientados na Galiléia no início da atividade pública de Jesus. Neles é revelada a identidade daqueles que são chamados. A iniciativa vem de Jesus. Ele escolhe aqueles que quer e exige uma ruptura radical com suas famílias. O objetivo do chamado é duplo: seguir Jesus e colaborar em sua tarefa (tornar-se “pescadores de homens”). Finalmente, a resposta dos discípulos é imediata e exemplar.

Nos relatos do evangelho de João (cf. Jo1,35-42,43-51) o chamado é estabelecido na Judéia e tem como contexto vital o grupo de João Batista e seus discípulos. A iniciativa normalmente não é tomada por Jesus ou por aqueles que querem segui-lo, mas por outros que dão testemunho de Jesus (João Batista, André e Filipe). Somente depois deste testemunho é que há uma aproximação com Jesus e um encontro com ele. Neste tipo de história, as exigências de acompanhamento são de pouca importância.

As histórias vocacionais diferem em seu cenário geográfico e cronológico, na descrição dos destinatários, no papel que desempenham, no propósito e exigências do chamado e na importância dada à sua resposta. Há, porém, *uma coincidência fundamental*, que serve como ponto de partida para acessar a experiência histórica do chamado de Jesus: *todos estes relatos reconhecem que a relação de Jesus com seus discípulos foi determinada por um encontro inicial no qual eles foram convidados a segui-lo*. O verbo “seguir” (*akoloutheō*) ocupa um lugar central em todos os casos e é usado para designar a relação dos discípulos com Jesus após aquele encontro inicial.



Agora, vejamos as características do chamado de Jesus:

Primeiro, as várias tradições concordam que *Jesus chamou seus discípulos com uma autoridade incomum*. Ao fazer isso, Jesus se coloca no lugar que Deus ocupava nos relatos de vocação do Antigo Testamento. Nessas histórias, foi Deus quem chamou diretamente os líderes e profetas do povo, para confiar-lhes uma missão. Jesus age da mesma maneira e também pede a seus discípulos uma adesão incondicional a sua pessoa. Esta autoconsciência de Jesus tem a ver com sua consciência de filiação, que se manifesta em sua maneira particular de se dirigir a Deus (*abbã*) e em seus ensinamentos sobre a oração. Isto significa que o chamado de Jesus a seus discípulos nasce da experiência de seu relacionamento com Deus.

Em segundo lugar, parece que *foi Jesus quem escolheu seus discípulos*. Embora os vários tipos de histórias não coincidam, é muito provável que a iniciativa tenha vindo de Jesus. Marcos o expressa com uma frase lapidária: “Ele chamou aqueles que queria” (cf. Mc 3:13). Jesus tinha um programa e para realizá-lo ele precisava de pessoas com certas qualidades.

Em terceiro lugar, as tradições mais antigas mostram que *Jesus impôs condições de extremo radicalismo a seus discípulos*. O mais importante de tudo foi, sem dúvida, a ruptura com a casa, que era a principal instituição social do mundo helenístico-romano. Este é o contexto onde deve situar-se o convite para deixar as redes, para abandonar o pai, para deixar o barco, para se levantar do balcão de impostos, para vender as propriedades ou para deixar de enterrar o próprio pai. Esta ruptura com a família não tem uma motivação ascética, mas é uma função da missão que Jesus queria confiar a eles. Ao romperem seus laços sociais, eles eram livres para ajudar Jesus em sua missão.

Finalmente, *Jesus chamou seus discípulos para um propósito específico*. Segundo a expressão de Marcos, “para que estivessem com ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3:14). Ele os chamou, antes de tudo, para estabelecer uma nova relação com ele, uma relação que implicava não apenas aprender sua doutrina, mas imitar seu estilo de vida e identificar-se com seu destino. Em segundo lugar, ele os chamou para enviá-los a anunciar e tornar presente o reinado de Deus. A divulgação deste anúncio é urgente e, por esta razão, ele quis cercar-se de um grupo de discípulos que o ajudariam em sua tarefa. Esta tarefa não era para qualquer um, e por isto ele os escolheu cuidadosamente e passou muito tempo instruindo-os por sua palavra e por sua vida.

## **b) Acompanhamento**

O chamado de Jesus a seus discípulos foi, antes de tudo, um convite para segui-lo. *Jesus dirigiu este convite a vários grupos de pessoas, que formaram três círculos concêntricos ao seu redor*. No primeiro, encontramos o grupo dos Doze. O segundo, inclui outros seguidores que o acompanhavam assiduamente. A terceira, finalmente, foi formada por aqueles que aceitaram sua mensagem e tentaram vivê-la sem abandonar suas famílias e suas ocupações.



Muitos dos ensinamentos de Jesus sobre discipulado são válidos para estes três grupos, mas há alguns que são dirigidos apenas a seus seguidores mais próximos. É neste último que a originalidade do discipulado de Jesus e o sentido profundo deste modo de vida é melhor percebido. Segundo estes ensinamentos, ser discípulo de Jesus significa, antes de tudo, “seguir-lo” (Lc 9,60; Mc 1,18; 10,28), “ir atrás dele” (Mc 1,17,20). Estas expressões têm um triplo significado nas tradições sobre o discipulado. Referem-se, em primeiro lugar, ao seguimento físico, que consiste em ir atrás de Jesus a fim de aprender com ele. Elas também descrevem uma atitude vital que consiste em compartilhar seu estilo de vida. E, finalmente, contêm um projeto de vida, que se caracteriza por compartilhar o destino de Jesus.

O primeiro aspecto do acompanhamento aparece continuamente nos relatos evangélicos. O discipulado de Jesus, ao contrário de outras formas de discipulado naquela época, implicava uma *convivência contínua*, pois os discípulos não só tinham que aprender alguns ensinamentos, mas também tinham que ser testemunhas das ações nas quais se realizava o que Jesus havia anunciado.

A segunda dimensão do discipulado diz respeito ao estilo de vida dos discípulos. Seguir Jesus significava *compartilhar seu estilo de vida*. Os Evangelhos preservaram algumas características deste estilo de vida, que provocaram escândalo e rejeição por seus contemporâneos: conflito com sua própria família (cf. Mc 3,20-21. 31-35), seu estilo de vida itinerante, sem morada fixa (cf. Lc 9,58 par.), suas refeições com publicanos e pecadores (cf. Mc 2,15-17), sua atitude de desrespeito a certas normas e práticas religiosas, tais como a observância do jejum (cf. Mc 2,18-20), o descanso sabático (cf. Mc 2,23-28), ou certas normas de pureza ritual (cf. Mc 7,1-15).

As ações de Jesus e as reações a seu estilo de vida nos dão uma idéia do que significava ser seu discípulo, pois aqueles que o seguiram viveram como ele viveu. Eles haviam abandonado seus parentes e suas ocupações para segui-lo (cf. Mc 1,18,20; 2,14); eles o acompanhavam nas refeições com publicanos e pecadores (cf. Mc 2,15); e transgrediram, como ele, as regras judaicas sobre certas práticas religiosas (cf. Mc 2,18,23-24; 7,2,5). Este modo de vida, que foi contra as normas sociais, provocou rejeição e oposição.

A terceira dimensão do discipulado vai além das duas anteriores, pois determina o projeto de vida dos discípulos. Seguir Jesus significava, em última análise, *compartilhar seu próprio destino*. Na realidade, esta terceira dimensão do discipulado é uma consequência da anterior, pois ao assumir o estilo de vida de Jesus, os discípulos assumiram a rejeição social que este comportamento provocava. Os discípulos experimentaram a mesma rejeição que Jesus ao viver como ele viveu. Este estilo de vida levou Jesus à cruz, e era previsível que a mesma coisa aconteceria com os discípulos.

Os discípulos de Jesus se referem a este destino de morte, que Marcos colocou após os três anúncios da Paixão (cf. Mc 8,34-38; 9,35-37; 10,41-45). Neles,



junto com a exortação de se tornar o servo e escravo dos outros, fala-se em perder a própria vida e tomar a própria cruz. A última destas afirmações relaciona explicitamente ambas as coisas, explicando que o maior serviço consiste em dar a vida pelos outros: “Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar sua própria vida como resgate por todos” (Mc 10,45).

O discipulado de Jesus foi, ao mesmo tempo, *uma forma concreta de agir, um estilo de vida e um projeto existencial*. Esta forma de discipulado foi caracterizada por um relacionamento intenso com Jesus e por seu caráter de grupo. A centralidade da relação com Jesus aparece já a partir do momento do chamado (é ele quem chama, e chama quem quer) e está presente nas instruções sobre discipulado, que consistia em ir atrás dele para viver como ele, compartilhando seu destino. Mas ao mesmo tempo, Jesus convidou seus discípulos a viver esta relação com ele junto com outros e deu muita importância às relações dentro do grupo formado por seus discípulos. Portanto, respondendo ao chamado de Jesus, os discípulos se tornaram parte deste grupo, no qual deveriam viver de acordo com os critérios da soberania de Deus. Desta forma, eles se tornaram uma antecipação do reino de Deus que eles estavam anunciando.

### c) Expedição

Jesus chamou seus discípulos para segui-lo e para tornar-se pescadores de homens (cf. Mc 1,17). Isto significa que tanto o *chamado quanto os seguintes foram orientados para a missão*. A intenção de Jesus ao chamar seus discípulos era reunir ao seu redor um grupo que o ajudasse na tarefa de anunciar e tornar presente o reinado de Deus.

Mas Jesus não só lhes pediu que o fizessem presente, mas os enviou para anunciar a sua chegada. Além disso, o convite para torná-lo presente dentro do grupo que ele formou com eles teve como objetivo final este envio. Portanto, para entender corretamente o que significa o discipulado de Jesus, é necessário saber como ele entendeu a missão confiada a seus discípulos.

A ideia que Jesus tinha desta missão pode ser percebida através dos termos com os quais ele designou aqueles enviados, as imagens com as quais ele descreveu a missão e os destinatários daquela missão.

Os *termos que Jesus usava para se referir a seus enviados não vinham dos escritórios religiosos ou civis da época, mas de escritórios comuns*. Os discípulos foram chamados para serem pescadores, operários ou pastores. Alguns desses escritórios tinham até conotações negativas na cultura de Jesus. Os trabalhadores do dia, por exemplo, pertenciam ao estrato mais baixo dos camponeses; não tinham terra e tinham que se oferecer como trabalhadores sazonais aos proprietários da grande propriedade (cf. Mc 20,1-16).

Esta mesma temporalidade aparece nas intensas conotações escatológicas das *imagens* usadas por Jesus para se referir à missão. A imagem da colheita é talvez a mais clara de todas (cf. Mt 9,37f = Lc 10,2). Nos profetas do Antigo



Testamento, essa imagem evoca a intervenção definitiva de Deus no final da história para julgar as ações dos homens (cf. Mt 13,24-70; Ap 14,15). A imagem da pesca (cf. Mc 1:17) também tem conotações de julgamento no AT (cf. Jer 16,16). O mesmo pode ser dito da promessa de um pastor que Deus levantará para conduzir seu povo (cf. Ez 34,23; 37,24), embora esta imagem possa ser aplicada melhor a Jesus do que aos discípulos (cf. Mt 9,36; Mc 6,34).

Todas estas imagens falam de uma missão urgente, que tem como horizonte a intervenção definitiva de Deus na história. Jesus anunciou o início desta intervenção quando proclamou: “O Reino de Deus começou a vir” (Mc 1,15). As imagens usadas para se referir à missão são, portanto, consistentes com o conteúdo central da mensagem de Jesus. Não é uma ação de longo prazo, mas uma tarefa urgente para a qual quase não há tempo.

#### **4. Orientações para a pastoral vocacional**

*A pastoral vocacional deve se inspirar no discipulado de Jesus, pois é uma continuação daquele primeiro chamado ao discipulado e à missão. Portanto, um melhor conhecimento da experiência original que moldou o relacionamento de Jesus com seus discípulos pode oferecer uma contribuição inestimável para a pastoral vocacional.*

Em conclusão, apresentaremos alguns desses traços sugerindo como eles podem se traduzir em trabalho vocacional hoje:

1. *O chamado de Jesus é parte de um projeto maior: anunciar a vinda do reinado de Deus.* O ponto de partida desse chamado foi uma nova e intensa experiência de Deus, e o objetivo, fazer com que outros participassem dessa boa notícia. Este fato nos leva de volta ao contexto, ao “de onde” e ao “para quê” da pastoral vocacional. Se não nascer de uma experiência espiritual profunda e não tiver um projeto a propor, permanecerá fechada em si mesma em um círculo narcisista.
2. *O chamado de Jesus é que ele chamou aqueles que queria, e o fez com um critério muito preciso, uma vez que escolheu pessoas que poderiam realizar a tarefa que queria confiar a eles.* Este fato nos convida a passar de um ministério vocacional passivo, que concentra toda sua energia no acolhimento daqueles que vêm, para um ministério vocacional ativo.
3. *O chamado de Jesus foi um convite para segui-lo.* Isto se segue ao estar com Jesus para compartilhar seu estilo de vida e seu destino. O mais característico dessa forma de discipulado é, portanto, a relação pessoal com Jesus. Trata-se, como vimos, de um relacionamento que visa compartilhar sua própria missão.

*O chamado de Jesus para segui-lo tinha a missão como horizonte.* A relação dos discípulos com ele enquanto o seguiam era uma função do envio. O horizonte da missão é absolutamente necessário para qualquer pastoral vocacional.



Todos esses elementos estão relacionados uns com os outros. Para cumprir a missão de anunciar e tornar presente o reino de Deus, é necessário um processo de formação centrado em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo.

Encerramos este tema com uma citação do Papa Francisco inspirada no Documento de Aparecida:

*“Todo cristão é um missionário na medida em que encontrou o amor de Deus em Cristo Jesus; já não dizemos que somos “discípulos” e “missionários”, mas que somos sempre “discípulos missionários”. Se não estamos convencidos, olhemos para os primeiros discípulos, que imediatamente após conhecer o olhar de Jesus, saíram para proclamá-lo alegremente: “Encontramos o Messias! (Jo 1,41). A mulher samaritana, assim que deixou seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos creram em Jesus “por causa da palavra da mulher” (Jo 4,39). São Paulo também, a partir de seu encontro com Jesus Cristo, “começou imediatamente a pregar que Jesus era o Filho de Deus” (At 9,20). O que estamos esperando? (Evangelii gaudium, 120).*

### Perguntas para reflexão pessoal e em grupo



1. Depois do que você leu, o que você quer dizer com “discípulo”?
2. Como podemos propor aos jovens de hoje o discipulado de Jesus como um modo de vida?





## ANTROPOLOGIA E CULTURA VOCACIONAL<sup>3</sup>

### Objetivo

Responder à necessidade de um conhecimento apropriado da antropologia cristã para o trabalho e o desempenho do animador vocacional.

### Desenvolvimento do tema

O trabalho vocacional, que busca promover uma resposta cada vez mais adequada e madura da pessoa ao chamado de Deus em Cristo, deve estar sempre atento para integrar, da maneira mais eficaz possível, a proposta de vida que vem de Deus e a situação existencial da pessoa à qual essa proposta é dirigida.

Para conseguir isso, a *pastoral vocacional precisa ter uma antropologia cristã clara de referência*, capaz de integrar todos os conhecimentos úteis sobre a pessoa, provenientes não só do *Apocalipse*<sup>4</sup> e da *reflexão teológica*, mas também das *ciências humanas*.

Há necessidade de uma antropologia da vocação cristã que permita uma compreensão da dinâmica da pessoa que quer abraçar a vida consagrada ou simplesmente procura assumir plenamente seu projeto de vida cristã.

#### 1. Antropologia e Vocação

Vocação é o termo chave na antropologia cristã. A vida humana deve ser concebida como uma vocação, mas, para que isso seja possível, dois aspectos devem ser aprofundados:

1. O **chamado de** Deus em Cristo, que conhecemos através da revelação, através dos textos do magistério eclesial que o interpretam com autoridade, e através da reflexão teológica;
2. As **disposições** humanas que favorecem ou condicionam a recepção desse chamado e a resposta a ele: inteligência, liberdade, pecado, responsabilidade, consciência. Na primeira parte da *Gaudium et Spes*, o Concílio Vaticano II aponta as vantagens deste segundo aspecto. E recomenda que as *ciências humanas sejam suficientemente conhecidas para levar os fiéis “a uma vida de fé mais pura e mais madura”*.

O estudo das *disposições humanas* implica que a *motivação* do homem também é considerada. Uma resposta existencial e livre a Deus pressupõe que

<sup>3</sup> Este tema é fundamentalmente tirado de C. BRESCIANI, “Antropologia”, em: E. BORILE, L. CABBIA, E L. MAGNO (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005.

<sup>4</sup> “Apocalipse” significa tudo o que Deus revelou de Si mesmo à humanidade através da Sagrada Escritura e da Tradição viva da Igreja.



na motivação da ação humana haja um ponto de contato entre a chamada e a resposta. Somente assim a liberdade humana pode ser concebida como resposta à vocação de Deus. A razão para seguir a vontade de Deus não pode ser outra senão um amor desinteressado e incondicional por Ele (cf. Mt 22,37-40), um amor que é livre, tanto quanto possível, de motivações utilitárias e defensivas.

## 2. Orientação da pessoa no final

Um fato fundamental da antropologia cristã, especialmente se considerada à luz da vocação em Cristo, é que *as pessoas, em si mesmas, têm uma orientação até o fim* (Alfaro, 1973). Para saber quem é o homem, é preciso começar do fim para o qual ele está orientado a partir de seu ser mais profundo. À questão de quem é o homem, a *Gaudium et Spes* responde referindo-se à sua vocação: “O homem foi criado ‘à imagem de Deus’, capaz de conhecer e amar seu Criador” (no. 12). Ele foi criado por Deus em Cristo e com vistas a Cristo, para que conhecesse e amasse o Pai que há nele.

No mistério do Verbo encarnado, a antropologia cristã encontra uma nova luz para iluminar o mistério do homem: “Cristo, o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e de seu amor, revela plenamente o homem a si mesmo e lhe revela a grandeza de sua vocação”. Consequentemente, a antropologia só pode ser *crístocêntrica*.

O homem é, por sua condição existencial, um ser chamado. E o chamado inscrito em sua natureza é o que o guia para a realização de seu fim como criatura. “Deus criou o homem à sua imagem e *semelhança*”. Ao chamá-lo à existência *por amor*, ele também o chamou ao amor”. O amor cristão é ao mesmo tempo e inseparavelmente amor a Deus e amor ao próximo, e exige do homem uma autotranscendência permanente. Ao transcender-se no amor, ele realiza plenamente não apenas seu ser cristão, mas simplesmente seu ser humano.

Em outras palavras, o cristão é chamado à santidade, a viver em união com Deus, imitando Jesus Cristo, a fim de obter a glória eterna que prometeu àqueles que carregam sua cruz e o seguem no caminho da caridade.

É impossível conceber a pessoa a partir de uma perspectiva cristã no caso de se excluir que ela está *destinada, em última instância, à ressurreição*. A vocação da pessoa à vida, à comunhão com Deus através de Cristo no Espírito Santo através da Igreja, será consumada e plenamente realizada em sua participação na glória eterna da comunhão trinitária.

## 3. O sentido da vida

A questão do homem é colocada para si mesmo como a questão do sentido da vida. E ele o faz com perguntas como estas: vale a pena viver, vale a pena *levar a vida a sério, viver pelo que, por que razão, o que justifica levar a vida a sério,*



*e qual é o futuro que ela me anuncia?* Estas perguntas demonstram não apenas a necessidade de dar sentido à vida humana para vivê-la humanamente, mas também que a primazia corresponde ao futuro, ao propósito. Estas perguntas podem ser respondidas porque a vida humana *já tem um sentido*. O homem só pode tornar sua vida plenamente significativa se descobrir o significado que já foi dado a ela na criação de Deus.

#### **4. A unidade da pessoa**

Para que uma pessoa se realize, ela deve obedecer a uma verdade que transcende a própria pessoa, mas que está escondida dentro dela. Obedecer à sua estrutura pessoal como criatura, que é ao mesmo tempo - e inseparavelmente - *corporal e espiritual*. Quando falta essa obediência, a pessoa se desintegra em uma série desconexa e manipulável de impulsos parciais em direção a determinados bens que não se entrelaçam harmoniosamente em um projeto de vida significativo<sup>5</sup>.

#### **5. Tensão antropológica básica**

A vida do homem é caracterizada por uma tensão básica, pois ele é *um ser que é contraditório e dividido em si mesmo*. A orientação final para a autotranscendência no dom de si está inserida na realidade concreta do homem, marcada por uma série de profundos desequilíbrios devido à concupiscência, herança do pecado. Há muitos elementos contrastantes no homem. Fraco e pecador, muitas vezes ele faz o que não quer e não faz o que quer, por isso está dividido dentro de si mesmo.

Essa contradição não se deve a condicionamentos ambientais, mas é intrínseca à natureza humana. O homem já nasce dividido, e, portanto, esta divisão não se deve à sociedade, nem à educação, nem ao meio ambiente. Há nele um desejo de infinito ao qual ele tende com seus ideais, mas ele também está apegado à realidade finita imediata.

Há nele:

- um eu que se entrega aos outros, que se regozija e sofre por eles,
- e outro eu preso a si mesmo que só se preocupa consigo mesmo.

Na pessoa há interação, mas também conflito entre estes dois aspectos de seu eu: o eu egocêntrico e o eu que se transcende a si mesmo.

#### **6. Liberdade**

A liberdade humana é *uma liberdade situada em meio a uma série de condicionamentos internos e externos à pessoa*. As ciências humanas podem

---

<sup>5</sup> Sempre haverá, em seu coração, aquele anseio de não estar satisfeito, pois ele se sentirá uma fraude, com falhas, incompleta.



contribuir para a compreensão da liberdade da pessoa, porém a antropologia cristã não pode se esquecer que se trata de uma *“liberdade liberada”* que *necessita libertar-se continuamente mediante uma vida de caridade*. A vida humana não pode ser concebida como uma vocação sem o aprofundamento da ação do Espírito que dá a liberdade.

A relação entre a ação divina da pessoa e a liberdade humana sempre foi um objeto de reflexão na teologia católica, desde Santo Agostinho. É a relação entre natureza e graça. Nas disputas que ocorreram na história da teologia, o magistério da Igreja sempre defendeu a *liberdade como elemento essencial da natureza humana* - mesmo no estado de natureza caída devido ao pecado original -, *embora sem negar sua debilidade*.

Pelos condicionamentos em que está situada, temos, por um lado, a *liberdade essencial* como dimensão original da pessoa. Esta liberdade se refere mais ao ato de vontade interior que escolhe um determinado objetivo porque a pessoa decide dessa forma. E, por outro lado, a *liberdade efetiva*, que é a capacidade que realmente se tem de realizar a opção que foi feita, e que pode ser dificultada ou diminuída por condicionamentos internos ou externos à pessoa; isto se aplica a qualquer escolha. Pode ser influenciada, diminuída ou bloqueada por diversos fatores, culpáveis ou não.

Os mais importantes são: o *conhecimento objetivo* e a posse dos valores cristãos; a *capacidade da pessoa* de se deixar atrair por eles; os possíveis limites psicopatológicos ou caracterológicos; os *conflitos psicológicos* inconscientes que operam de fato de modo inconsciente na pessoa e que a induz a interpretar de forma redutiva a vocação integral ao amor e os compromissos inerentes à vida cristã; a *própria estrutura corpórea do homem*; as *pressões das pessoas* ou grupos nos quais a pessoa está inserida.

Se não há liberdade para transcender nas escolhas concretas, é impossível que a pessoa viva sua entrega a Deus em suas atitudes e comportamento reais. Isto leva à afirmação de que a plena realização da vocação cristã depende da liberdade efetiva da pessoa.

## **7. Dimensão social da pessoa**

A antropologia cristã afirma que o homem é um *ser social*. A vida humana não só tem uma dimensão íntima, mas também - e essencialmente - uma projeção social, comunitária e eclesial. A pessoa cresce em todas as suas dimensões e responde ao seu chamado (vocação) através de sua relação com os demais, com os deveres mútuos e com o diálogo entre irmãos.

A caridade é a lei do novo povo, reunido pelo amor do Pai. O homem é chamado ao amor e a amar ao próximo. Assim, toda vez que realiza sua vocação pessoal, constrói a comunidade de pessoas, sua espiritualidade não poderá ser, senão, comunitária e eclesial.



Pelo caráter social da pessoa, fica claro que a resposta a uma vocação pessoal não pode ser independente do chamado para ser um povo. É por isso que a *Lumen Gentium* diz: "Deus quis santificar e salvar aos homens, não individualmente e isolados, sem nenhuma conexão entre si, senão fazer deles um povo que o reconhecesse de verdade e o servisse com uma vida santa".

Se a vida é concebida como uma vocação em Cristo ao amor de Deus e ao próximo, de acordo com o mandamento de Deus, uma antropologia individualista carece de fundamento.

## 8. A pessoa chamada a uma contínua conversão

O crescimento do homem na maturidade cristã exige passar de um sistema de motivações egocêntricas (egoísmo e pecado) para outro aberto à transcendência no dom de si mesmo. Isto acontece *gradualmente* dentro da estrutura de desenvolvimento da personalidade e requer o compromisso pessoal em colocar a própria ação sob a influência da graça que exige conversão (conversão intelectual, moral, religiosa).

Concluimos com um texto para encerrar este tema e terminar de compreender a importância da antropologia cristã - saber o que é o homem segundo o projeto do Criador - para a promoção vocacional:

*"A antropologia antivocacional do homem sem vocação dá razão para a urgência de recriar uma cultura vocacional". E é importante pensar que os problemas da pastoral vocacional não são apenas problemas da Igreja sem sacerdotes e pessoas consagradas. É um problema do homem e da concepção do homem! Por essa razão, é importante não desenvolver uma pastoral vocacional que simplesmente procure preencher os seminários e noviciados. Não. Apropriadamente, a pastoral vocacional é a vocação da pastoral hoje, pois se trata de modificar esta antropologia e desativar esta concepção que coloca o próprio homem no centro da vida. Trata-se de entender que o homem foi chamado, e foi chamado pelo Outro - que é Deus - que se coloca no centro da vida e que é o único que pode chamar... e de fato é Ele que me chamou à vida!"<sup>6</sup>.*

## Perguntas para reflexão pessoal e em grupo



1. Então, por que o conhecimento da antropologia cristã é necessário para a pastoral vocacional? Você pode explicar isso de forma simples?
2. Como os jovens que você conhece compreendem o conceito de liberdade? Como os adultos o compreendem? Como pode contribuir a visão cristã da liberdade?

<sup>6</sup> J.C. MARTOS, *Abra seu coração. Vocational animation in difficult and formidable times*, Claretian Publications, Madrid 2007, 32..



## CULTURA VOCACIONAL<sup>7</sup>

### Objetivo

Aproximar-nos como agentes pastorais ao conceito de “cultura vocacional”, tão importante na Pastoral Vocacional, que propõe o Magistério da Igreja e que constitui peça chave do IVAR.

### Desenvolvimento do tema

Evangelização e vocação são dois elementos inseparáveis. Mais ainda, o critério de autenticidade de uma boa evangelização é a capacidade de suscitar vocações, de amadurecer projetos de vida evangélica, de tornar participantes por inteiro aqueles que são evangelizados até fazer deles discípulos, missionários, testemunhas e apóstolos. Sentimos hoje, mais forte que nunca, o desafio de fazer que a pastoral eclesial se faça realmente vocacional, promovendo uma «cultura vocacional», ou seja, um modo de conceber e de assumir a vida como dom recebido gratuitamente de Deus para um projeto ou uma missão, segundo seu plano (Cf. Pascual Chávez Villanueva, sdb).

#### 1. “Cultura”

O Concílio Vaticano II na Constituição pastoral sobre a Igreja, *Gaudium et spes*, elaborou uma descrição de *cultura* no número 53, referindo-se a esta como tudo aquilo com que o homem apura e desenvolve as múltiplas qualidades espirituais e corporais que lhe permitem alcançar uma humanidade plena e verdadeira. O Papa Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, deu um passo adiante, chamando a toda a Igreja a assumir a tarefa da evangelização da cultura e das culturas.

O Documento conclusivo da III Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e do Caribe em Puebla (México) assumiu as exposições da *Gaudium et spes* e a interpelação de Paulo VI, e no número 386 descreveu a palavra *cultura* como “o modo particular como, num povo, os homens cultivam sua relação com a natureza, entre si mesmos e com Deus, de modo que possam chegar a um nível verdadeiro e plenamente humano”. A mesma ideia retornou de novo no *Documento de Aparecida*, no número 476.

Pela qual, a cultura vai se formando e se transforma baseada na contínua experiência histórica e vital dos povos; se transmite através do processo de tradição geracional. O homem, pois, nasce e se desenvolve no seio de uma determinada sociedade, condicionado e enriquecido por uma cultura particular; recebe-a, modifica-a criativamente e a segue transmitindo. A cultura é uma realidade histórica e social. (Cf. *Documento de Puebla*, 392).

<sup>7</sup> Este tópico é um extrato do artigo de Fr. Fabián López Martín OAR, “Do ‘Animador Vocacional’ à ‘Comunidade Vocacional’”, na *Recollectio* 38 (2015) 255-277.



Cultura é, portanto, todo um complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e todas as demais disposições e hábitos adquiridos pelo homem, enquanto que membro de uma sociedade (E. B. Tylor). A cultura implica saberes, mas, sobretudo, tem que ver com o modo que uma sociedade se situa no mundo e em uma época determinada; ou seja, tem que ver com um estilo de ser pessoa, com a seleção de determinados valores de autorrealização, com o sentido que se dá à existência (Javier Garrido, ofm).

A partir destas descrições de *cultura* podemos destacar, ao menos, quatro elementos chaves para considerar:

1. A cultura é um produto da interação humana e se concretiza no modo e estilo de uma comunidade específica, com suas lendas, mitos, ritos, tradições, etc., próprios.
2. A cultura funciona como um marco de referência que permite por ordem à vida e interpretar as distintas experiências humanas dos povos.
3. Também, a cultura não é uma realidade estática, senão dinâmica, pois o ser humano cria cultura, a interpreta, se nutre dela, a transmite e a enriquece com o passar dos anos.
4. E a cultura supõe uma forte implicação pessoal para viver segundo o modo em que se crê e no qual todos estão mais ou menos de acordo.

É esse conceito de cultura que queremos assumir para falar da «cultura vocacional». Pelo qual, podemos já indicar que a «cultura vocacional» não é uma cultura paralela à cultura atual, senão uma proposta, certamente cultural, mas que é a própria do Evangelho. A cultura da vocação propõe o evangelho à cultura histórico-sociológica em chave vocacional.

A dinâmica que desenvolve esta cultura da vocação é a mesma que desenvolve a Palavra divina que, como uma semente colocada no coração da civilização humana, desdobra e expande a cultura do homem e a direciona para a sua melhor possibilidade; a torna cultura do amor. A «cultura vocacional» põe esta semente de amor no coração do homem que se coloca a caminho da plenitude. Assim, a «cultura vocacional» propõe vive em Deus, que é amor.

## **2. O que queremos dizer quando falamos de «cultura vocacional»**

A partir do II Congresso Latinoamericano de vocações, a expressão «cultura vocacional» se fixou, principalmente, em três núcleos dinâmicos: uma mentalidade vocacional ou componente intelectual, uma sensibilidade vocacional ou componente afetivo, e uma práxis vocacional ou estilo de vida. A *mentalidade vocacional* faz referência à verdade teológica da vocação (*logos*), a *sensibilidade vocacional* à subjetividade do chamado (*pathos*), e a *práxis vocacional* aos gestos que a fazem credível e a sustentam no espaço e no tempo (*ethos*). Ao primeiro núcleo corresponde a teologia da vocação, ao segundo, a espiritualidade vocacional e, ao terceiro, a pedagogia vocacional.



## 2.1. Teologia da vocação

A teologia da vocação refere-se, pois, à reflexão sobre o homem a partir da fé fundada e expressada na Escritura e na Tradição da Igreja. Essa reflexão credível sobre o homem dá por certo que este não concede a si mesmo a vida, senão que Alguém o pensou e o amou, e por isso passou a existir. Mais ainda, pelo simples fato de existir, possui uma missão muito pessoal e intransferível nesta vida. E ao descobri-la e ajustar-se a ela encara sua própria felicidade:

*"[...] o homem será feliz e plenamente realizado estando em seu lugar, aceitando a proposta educativa divina, com todo o temor e tremor que uma tal exigência suscita em seu coração de carne" (In verbo tuo, 16).*

A vida, desde esse ponto de vista, é um dom de Deus que, para realizar-se em plenitude, deve desdobrar-se em um bem que se compartilha e se entrega aos demais com a mesma lógica com que Deus o concebeu: a da gratuidade e da gratidão. Portanto, a vocação é um chamado gratuito, aberta a gratuidade e à plenitude da pessoa. E o ser humano não alcança toda a sua plenitude aqui neste modo de existência, por muito bom que ele seja, senão até que chegue ao lugar de seu repouso definitivo, ali onde Deus o chama e atrai enquanto existe: a vida feliz junto dele:

*"Senhor, fizeste-nos para Vós e nosso coração estará inquieto enquanto não descansar em Vós" (SANTO AGOSTINHO, Confissões I, 1,1).*

## 2.2. Espiritualidade vocacional

Com *espiritualidade vocacional* nos referimos à *sensibilidade da fé* que desencadeia a compreensão da teologia vocacional. Se a teologia da vocação parte da vida como um dom, a espiritualidade vocacional volta à vida e a sua dinâmica interior donde se recria esse dom, se agradece, se celebra e se comunica aos demais. A vida cristã está encaminhada para que a pessoa de fé se encontre pessoalmente com o Deus vivo e verdadeiro, feito carne, Palavra e rosto em Jesus Cristo, e com ele inicie uma relação de amizade e a ele responda livremente ao chamado particular que o dirige.

## 2.3 Pedagogia da vocação

A *pedagogia da vocação* está relacionada com a centralidade dos itinerários da fé na iniciação cristã, na evangelização e na animação vocacional. O conceito de "itinerário" se refere, sobretudo, à sequência, ordenada e sucessiva, de etapas e de estratégias que, ao menos como hipótese, assegura o alcance de uma meta determinada. O itinerário é o projeto completo do dinamismo da vida e da vida como vocação.



### 3. Condições de possibilidade da «cultura vocacional»

#### 3.1. O que temos que saber (o kerigma vocacional)

O Papa Paulo VI afirmou em sua mensagem para a XV Jornada de oração pelas vocações o seguinte: “Que ninguém, por culpa nossa, ignore o que deve saber, para orientar num sentido diverso e melhor, a própria vida”. Este é o ponto delicado do trabalho da animação vocacional, pois a Igreja, Mãe e Mestra, no serviço que presta à evangelização, deve buscar diversos modos de indicar respeitosamente ao homem de hoje aquilo que é necessário saber, para poder tomar as decisões importantes da vida no exercício da própria liberdade (Cf. Pablo VI, *Evangelii nuntiandi*, 80). Nisso consiste, basicamente, a proposta vocacional ou proclamação do kerigma vocacional.

O *kerigma vocacional* funda-se no anúncio integral do chamado de Deus como obra que ele realiza em nós e, desde a fé, se dirige a todas as pessoas e, em particular aos jovens, como uma Boa notícia capaz de dar um sentido a suas vidas e abrir-lhes horizontes de liberdade. Inclui a proposta de uma interpretação de sua existência e de umas atitudes novas que cada um em suas circunstâncias pode pôr em prática.

O conteúdo concreto do kerigma vocacional pode-se resumir da seguinte maneira: “Tua vida não é resultado da casualidade ou de um erro, se originou no amor e foi criada por Deus. Por isso podes estar seguro de que és incondicional e definitivamente amado. Esse amor original imprimiu em tua existência uma ordem, segundo modelo de Cristo. Tua vida tem um sentido objetivo que necessitas descobrir pouco a pouco. Trata-se de um dom que não se esgota em ti mesmo, porque se ordena aos demais. Desenvolver esse dom é tua tarefa. Quando assumas este desígnio e esta direção, tua liberdade adquire um novo sentido, absolutamente original” (cf. E. Lavaniegos González y R. Barrón Porcayo). Esta é, em definitivo, a proposta que se anuncia na animação vocacional como uma Boa notícia que dá uma orientação definitiva à vida.

O Papa Bento XVI, em sua primeira encíclica *Deus é amor*, ao expor sobre o tema indicou que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, senão pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”. O fundamental é, pois, conhecer e poder chegar a amar a Deus, com *todo o coração, com toda a alma, com todas as forças (Dt 6,5)*. Quem dá espaço para Jesus Cristo em sua existência encontra a força e a motivação profunda para tomar decisões valentes, e pode abrir-se ao futuro com esperança.

Em resumo, o objetivo é apresentar a Boa notícia que dá vida e esperança ao homem de todos os tempos; uma Bela notícia que é capaz de preencher o coração e de abrir-lhe novos horizontes.



### 3.2. A quem se dirige o kerigma vocacional

Portanto, sabemos o que é necessário saber para despertar, discernir, cultivar e acompanhar as vocações na Igreja. Porém quem são os destinatários desta Boa notícia que suscita gozo e alegria? Pensemos no grupo que diretamente deve atingir o trabalho vocacional: os adolescentes e jovens. Mas, quem são os jovens?

Existem várias análises sociológicas sobre os jovens realizados por profissionais muito competentes. Apesar de que, qualquer análise detalhada sobre a realidade juvenil é insuficiente na hora de aproximar-se concretamente dos jovens que encontramos pelo caminho e que estão em nossas igrejas. Inclusive, para a «cultura vocacional», me atrevo a dizer que mais que saber de juventude, é necessário “saber lidar com os jovens”. O que faz a diferença entre “saber sobre os jovens” e “saber de jovens” é o tempo de qualidade que dedicamos para escutá-los e nos encontrar com eles.

Sobre isso, afirma Miguel Márquez Calle, ocd, o seguinte: “Não é fácil aproximar-se do mundo dos jovens e oferecer-se para acompanhar e iluminar sua busca interior. Quem se atreve a percorrer com eles o caminho da exploração, das dúvidas, do caos, do não saber, das decepções, dos encontros? Quem atravessará com eles este terreno pedregoso e tantas vezes sem respostas para chegar à margem de suas próprias descobertas, de si mesmos, de Deus e da vida? Onde se encontram os mestres que se atrevem a esta missão? Temos necessidade de mistagogos – que introduzam no Mistério de Deus –, de iniciadores vitais no caminho complexo e insondável da busca interior”.

Um aspecto importante na «cultura vocacional» é a articulação necessária que deve existir entre a pastoral vocacional e a pastoral juvenil, de tal modo que todos os esforços da pastoral juvenil devem convergir em orientar ao jovem para uma opção de vida cristã numa vocação específica de serviço na Igreja. A pastoral juvenil é, por si mesma, vocacional e a pastoral vocacional não pode existir a margem da pastoral da juventude. A partir deste ponto de vista, o horizonte de nossa ocupação é a pastoral juvenil vocacional. Ainda que, podemos afirmar com toda tranquilidade, a pastoral vocacional é um trabalho específico, seja possível ou não articular com a pastoral juvenil.

Sendo esta abordagem de práxis pastoral o ideal, o certo é que a realidade juvenil nos escapa facilmente das mãos, porque precisamente os jovens sendo como são, não é nada fácil torná-los destinatários do que nós sabemos que pode ser uma notícia significativa para eles. Este é o *centro da questão*: torná-los destinatários da Boa notícia do amor de Deus que desperta à alegria.

O Papa Francisco fez uma piscadela à pastoral juvenil na Exortação apostólica pós sinodal sobre a nova evangelização, *Evangelii gaudium*. Reconhece que não é fácil abordar aos jovens, mas indica que são precisamente eles os “mensageiros da fé” pela facilidade com quem criam fortes vínculos de fraternidade, se solidarizam com os que mais sofrem e se lançam generosamente em obras de caridade. E, afirma Francisco, é urgente dar-lhes mais protagonismo



na comunidade dos que acreditam, pois os jovens são “felizes por levar Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra”.

Se a confiança em Deus que chama funciona como um pulmão que oxigena a pastoral vocacional, o outro pulmão o constitui a confiança no coração generoso dos jovens:

*“A juventude é a janela pela qual entra o futuro no mundo. É a grande janela e, portanto, nos impõe grandes desafios. Nossa geração se mostrará à altura da promessa que há em cada jovem quando saiba oferecer-lhe espaço” (Papa Francisco).*

### Perguntas para a reflexão pessoal e em grupo



1. Percebes, em tua volta, elementos de uma cultura vocacional? Se tua resposta é sim, indica quais são.
2. Quais ações podem ajudar a trabalhar melhor este aspecto dentro da fase ARAR de nosso IVAR?

## TEOLOGIA VOCACIONAL: O DEUS QUE CHAMA<sup>8</sup>

### Objetivo

Aprofundar no primeiro elemento básico de todo fundamento teológico da pastoral vocacional: que Deus Pai é a origem de toda vocação e o homem é o ser capaz de responder a esse chamado.

### Desenvolvimento do tema

O tema da vocação toma corpo a partir das experiências originais do encontro entre Deus e o homem narradas na Bíblia. O ser humano se reconhece na acolhida – ou falha quando pretende afirmar-se em sua negação – do encontro com Deus que o precede e o interpela. O tema da vocação indica não só a primazia de Deus na existência da pessoa, senão o modo como se afirma, se faz experimentável, se sugere, busca e provoca uma resposta da própria pessoa.

Afirma tudo isto mediante a metáfora *do chamado*: forma simples de experiência capaz de marcar estilo e simbolizar itinerários existenciais sem ambiguidades.

#### 1. Deus fala e chama: dados desde a Bíblia

##### a) Antigo Testamento

O tema pode ser reconhecido no AT a partir de episódios concretos ou bem do verbo *qr'* (*gritar, chamar*), incluído o sentido do chamar pelo nome, de dar um nome. Considera-se uma vocação quando o Senhor chama a alguém. Esta vocação é uma eleição, temporal ou permanente, para uma tarefa, para uma missão. Depois do exílio o tema se aplica a todo o povo de Israel.

A comunidade *convocada* para o culto é designada como *miqra* (do verbo *qr'*), a (santa) convocação: nesta direção vai se encontrar a Igreja (*ekklesía*). A eleição do povo, seu chamado para uma aliança, da que se fala com alegria em termos esponsais, abre à ideia da gratuidade da vocação à santidade, tema que prevalecerá no NT. Tanto a relação *povo-indivíduos* como a de *missão-santidade* são decisivas para qualquer teologia da vocação.

O chamado divino é criador. A narração do êxodo (“do Egito chamei a meu filho”: Os 11,1) mostra como Deus faz existir como povo a um não povo; o faz existir precisamente quando o faz “seu” povo. A criação do mundo também é fruto da palavra de Deus que manda existir as criaturas, prontas a obedecer ao seu chamado (cf. Bar 3,33-35). O chamado divino abre aos seres humanos um futuro dando-lhes um nome, como a Abraão, a Sara, até João e Jesus, posteriormente a Pedro.

<sup>8</sup> Este tema é fundamentalmente tirado de T. CITRINI, “Vocação (teologia da)”, in: E. BORILE, L. CABBIA, E V. MAGNO (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005, 114-1150.



## b) Novo Testamento

O NT conhece um amplo cenário de histórias de vocação muito originais: histórias que, por sua própria clareza, são e resultam exemplares. Especialmente nítidas são as que têm por protagonista ao próprio Jesus, em quem a voz de Deus que chama encontra sua máxima expressão e prontidão. As narrações evangélicas apresentam unanimemente, ainda que de maneiras diferentes, o chamado dos primeiros discípulos de Jesus, e posteriormente a dos Doze; outras narrações se apresentam também em momentos sucessivos de seu ministério.

É verdade que nenhuma destas vocações pode consolidar-se sem passar pela experiência da páscoa (paixão, morte e ressurreição). Isto significa que a nitidez da experiência vocacional dos primeiros chamados deve ser compreendida dentro da história de sua fé. Como o discernimento e a interpretação da pessoa de Jesus são indispensáveis para a fé de todos, a diferença entre a experiência vocacional daqueles e a nossa têm de colocar-se na relação original que teve neles o reconhecimento de Jesus e o da própria vocação e missão.

## c) A vocação de Jesus

A investigação bíblica colocou em relevo recentemente outro momento decisivo da teologia vocacional do NT: o da vocação de Jesus no contexto do batismo no Jordão.

O NT apresenta a Jesus como *portador de uma vocação centrada na realização da vontade do Pai*; sua obediência filial, a escuta do coração do Pai, e sua entrega efetiva por amor aos homens são o mais claro testemunho de que sua vida esteve marcada por um chamado e uma resposta, por vocação e missão.

A isto há que somar que é o mesmo Jesus que *desperta as consciências* de muitos judeus que lhe são próximos a *uma vida entendida como vocação*. Seu chamado a seguir-lhe ressoa no Evangelho como uma nova forma de discipulado: agora o verdadeiro Mestre pede para si completa disponibilidade e entrega, não a uma doutrina, mas à sua própria pessoa<sup>9</sup>.

## 2. A pessoa chamada

Tudo o que foi dito até aqui, e o que se dirá adiante, pressupõe o caráter dinâmico do conceito “vocação”, fundado intrinsecamente sobre o ato expresso do verbo *vocare*, chamar, que, em quanto tal, supõe alguém que chama e alguém que é chamado. Por isso, se toda vocação em sentido ativo é de Deus, em sentido “terminativo” (si é que não queremos falar de sentido passivo) é vocação da pessoa chamada.

---

<sup>9</sup> Cf. LEON-DUFOUR, X., “Vocación”, en: *Diccionario de vocabulario bíblico*, Barcelona 2001..



“A vocação arranca de um Tu e não das qualidades ou caráter do sujeito, nem de muito menos de suas aspirações. O tu assume a iniciativa e sai ao encontro de um eu, situado na história, que também não dispõe dos meios necessários para levar a cabo a missão à qual é convocado. A vocação na Bíblia tem sua raiz na experiência dialogal entre um tu que convoca e um eu que responde. Ela não pode confundir-se com a inclinação ou o atrativo natural da pessoa, ainda que seja em ocasiões que são sinal e ponto de partida. No horizonte da fé bíblica, a vocação nasce do encontro da liberdade divina e da liberdade humana; e se desenvolve como comunhão e mútua autodoação”<sup>10</sup>.

### 3. Vocação, comunhão, missão

Comunhão e missão, dimensões essenciais do mistério da Igreja, estão intimamente implicadas em toda vocação.

A aliança de Deus com a *ekklesia* (igreja), de quantos ele convoca, se confirma e se renova. Todo crente, porém, pode reconhecer uma vocação pessoal dentro de uma missão que é de todos: o espírito derramado sobre todos multiplica os carismas para a evangelização da humanidade e para a *diakonía* (serviço) recíproca. Deus chama sempre para enviar; o que compreende a todos. Algumas vocações se caracterizam mais no sentido ministerial, outras se apresentam com uma fecundidade mais redundante e não como primária acentuação e urgência, mas em ambas, entrega a Deus e frutificação em favor do próximo, da Igreja, da missão, são essenciais.

### 4. O Deus que chama

A teologia da vocação não é mais que a reflexão sobre o mesmo mistério de um Deus que chama, Eterno chamador, é também, aproximação ao mistério do homem como ser chamado, convocado pela voz do Eterno que falou definitivamente em Cristo, o primeiro chamado.

Podemos finalizar este tema com três textos do II Congresso Continental Latinoamericano de Vocações que se referem à teologia vocacional:

*“Deus chama porque ama, chama amando e chamando ama. Em consequência, a vocação é revelação do amor de Deus, de onde se deduz que não há vocação sem Deus e sem amor e que somente a partir desse Deus que ama e chama se pode dar o que somente Ele dá: o amor” (54).*

*“O Deus revelado nas Sagradas Escrituras é o que «eternamente chama». Cremos em um Deus que chama num movimento inerente à sua identidade de Deus Amor, manifestada no Verbo e sua ação. A vocação é, portanto, uma manifestação da identidade divina, uma teofania, e um convite a vivê-la em Jesus Cristo; uma revelação*

<sup>10</sup> BRAVO, A., Seguir a Cristo. *De la vocación a las vocaciones*, Salamanca 2009, 13.



*de Deus que deve ser respeitada, valorizada e acolhida, através de uma palavra teológica que provém dele, como chamado, e de uma palavra antropológica que depende do homem, como resposta. É o diálogo entre as liberdades do Criador e da criatura" (55).*

*"A teologia vocacional é trinitária no sentido de que o Pai chama à realização de um projeto humano e histórico sobre a triple relação das origens (criação): teologal, fraterna e apostólica; o Filho convoca a um discipulado missionário que converte o seguimento em anúncio de seu mistério redentor; o Espírito Santo capacita para amar como Deus ama" (56).*

### **Perguntas para a reflexão pessoal e em grupo**



1. Depois do que você leu, o que entende por teologia da vocação? Se não ficou claro, pergunta-te como pode compreender melhor. Falaria com alguém, buscaria mais informação em algum livro bom ou na internet?
2. Que papel crê que possuem a Bíblia e o Magistério da Igreja na formação dos agentes de pastoral vocacional?



## CRISTO, RAZÃO E MODELO DE TODA VOCAÇÃO<sup>11</sup>

### Objetivos

Aproximar-se da figura de Cristo, tanto como chamado do Pai, assim como modelo de toda vocação, reconhecendo que toda vocação cristã só é vivida através de uma relação especial com sua pessoa.

Aprofundar as características mais importantes do estilo de vida de Cristo: castidade, pobreza e obediência, já que todo agente de pastoral vocacional deve compreendê-las e torná-las conhecidas.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. Compreensão vocacional da pessoa

Um dos maiores problemas do homem de hoje, apesar da posição chave que ocupa no mundo científico, é a busca de sua identidade diante da perda de sentido em sua vida. A perda de identidade do homem deve ser relacionada, portanto, com a perda do sentido da vida, na qual se encontra sua “vocação”.

Na *antropologia bíblica*, a compreensão da pessoa tem um imprescindível acento vocacional que se deve à ação criadora de Deus através da “Palavra”. O ser humano não somente é criado, como todas as coisas, “com” a Palavra, mas é criado como um “interlocutor” da Palavra. O caráter vocacional o constitui desde o primeiro momento de sua existência.

O homem aparece, então, como o ser privilegiado a quem Deus “chama” à vida, a quem ele “dirige a Palavra” e de quem ele espera uma resposta a esta Palavra.

O homem é “chamado à vida” para viver em comunhão com Deus (GS 21). Por esta razão o capacita para dialogar com ele (GS 19), para responder consciente e livremente (GS 17), para colaborar e ser criativo (LG 62; AA 16). O homem tem em si mesmo a orientação que constitui seu crescimento humano e forma com todos os outros homens e mulheres uma única família para o crescimento mútuo através do diálogo e da entrega de si mesmo (GS 24-26).

Na busca de sua própria identidade e em uma melhor compreensão de si mesmo e do sentido da vida humana, o papel de Cristo parece ser cada vez mais decisivo. Pois nele, e somente nele, como diz *Gaudium et Spes*, “o mistério do homem se esclarece... Cristo, o novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe revela a grandeza de sua vocação” (n. 22). Este novo entendimento vocacional da pessoa à luz da revelação de Cristo é realizado sobretudo no conhecimento de *Cristo como chamado e enviado pelo Pai*.

<sup>11</sup> Este tema é fundamentalmente tirado de M. BORDONI, “Cristo”, em: E. BORILE, L. CABBIA, E L. MAGNO (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005.



## 2. Cristo, o primeiro chamado

Podemos dizer que o texto fundamental do chamado de Jesus como Filho e Servo em vista de sua missão de evangelizar o mundo é, para os sinóticos, a passagem do batismo (Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21-22).

O relato evangélico da vocação batismal de Jesus, que retoma os antigos modelos de vocações *proféticas*, contém características absolutamente novas, no sentido de que o próprio Filho “amado” é o “chamado” e “enviado” pelo Pai como testemunha de um amor infinito e misericordioso pelo mundo, animado e guiado por seu Espírito de paz (o símbolo da pomba, Mc 1,10). Esta vocação batismal expressa e antecipa o sentido pleno da missão de Jesus, que o Batista define como um batismo no Espírito Santo (cf. Mc 1,8). No Evangelho de João, Jesus também é apresentado como chamado e enviado. O próprio Jesus se define como o que “foi escolhido pelo Pai para ser enviado ao mundo” (cf. Jo 10,36).

Portanto, qual é a missão do Filho “enviado”? Qual é o objetivo desta “vocação pessoal” que se cumpre na missão da encarnação de Jesus? A missão de Jesus é aproximar Deus, como Pai, aos homens. Ele vem para revelar o rosto do Pai, aproximando-o deles como uma pessoa que os faz sentir seu *chamado*, sua *vocação filial ao amor*. Em resumo, com a encarnação e toda sua entrega amorosa, Jesus busca que homens e mulheres descubram sua vocação de filhos e filhas no Filho.

## 3. Castidade, obediência e pobreza em Jesus

Existem três dimensões importantes da vida de Jesus. Porque não se trata de meros comportamentos ou condutas estereotipadas do Mestre de Nazaré, *senão de três aspectos de sua personalidade e de seu estilo de vida que tem feito que sua vida tenha uma clara e transparente orientação amorosa a Deus, seu Pai, e aos homens, seus irmãos.*

Especialmente a vida consagrada, uma vocação específica na Igreja, ao longo dos séculos viu nestas três dimensões uma forma de fazer memória permanente de seu estilo de vida na Igreja e um modo de viver plenamente seu seguimento. Estamos nos referindo à castidade, pobreza e obediência.

Portanto, todos os crentes devemos conhecer como e de que maneira Jesus viveu estas três dimensões especiais de sua vida. Leigos, consagrados e sacerdotes não podemos deixar de nos perguntar o que há de especial nestas três dimensões da vida quando elas são oferecidas a Deus e são um sinal de total entrega a Ele.

Agora, vejamos como estas três dimensões estão presentes na vida de Jesus:

1. *Jesus é casto, seu corpo e seu coração são para o Pai e para a missão.*

O celibato de Jesus não é uma anedota de sua vida nem uma mera virtude moral, mesmo em seu tempo estava longe disso. Também não é uma rejeição ou



desprezo pela vida conjugal. Nos Evangelhos é fácil perceber que Jesus decide que toda sua vida, corpo e alma, deve ser orientada, ou melhor, polarizada para a missão, a evangelização. O mundo de suas emoções e afetos não se vê anulado, senão que todo ele, todas as suas energias e desejos, são redirecionados a partir de uma profunda experiência de escolha e de amor filial indescritível. A virgindade – castidade – de Jesus é um amor afetivo e efetivo por seu Pai e pela missão; uma paixão compassiva e profética pelo Reino.

*2. Jesus é pobre, se despojou de tudo o que era desnecessário para nos enriquecer com seu amor.*

A vida austera e sóbria de Jesus e sua opção pelos mais pobres em seu ambiente social são o sinal mais transparente de seu despojamento, de seu rebaixamento (cf. Fil 2,5-11). A forma de servo é o modo que Deus escolheu para se tornar pobre e redimir o que parecia perdido. Sua pobreza é a maior riqueza da humanidade (cf. 2 Cor 8:1-15). Portanto, a pobreza, enquanto despojamento de Jesus, é caminho de salvação. Somente desta forma cabe o desejo e a vontade de ressignificar nossa relação com os bens materiais e os bens do coração.

Por sua vez, aqueles que o seguem devem percorrer um caminho de despojamento radical<sup>12</sup>. “Jesus ‘escolhe’ necessitar dos apóstolos, deixando que sejam eles os que prolonguem o seu ministério. Desta forma, ele mesmo segue conduzindo um caminho de pobreza aceitando viver ‘exposto’: as palavras e gestos dos Doze, seu anúncio e suas relações podem, certamente, confirmar ou desmentir o que ele é ou o que anuncia. Mas sobre este ponto, Jesus não parece hesitar em nada: na época em que ele havia ‘estabelecido’ os Doze; agora ele os envia como seus representantes, pobres entre os pobres, sem poupar-lhes as exigências de uma jornada de maturidade que terá como meta a plena configuração com ele na sua nudez extrema e, ainda assim, fecunda do Gólgota”<sup>13</sup>.

*3. Jesus é obediente, toda sua vida foi um contínuo escutar a voz do Pai e buscar se afirmar em sua vontade.*

A obediência é, antes de tudo, escutar, não submissão. Se Jesus é modelo de obediência, é porque ele soube escutar a voz do Pai e decifrá-la mesmo em momentos de dor e sofrimento (cf. Heb 5,8). A obediência de Jesus é o maior testemunho de sua fidelidade ao projeto de Deus e ao resgate da humanidade. É por isso que não há obediência sem escuta e sem esta dupla fidelidade.

Estes três aspectos da vida de Jesus, para alguns, são a maneira mais conveniente de se realizar como pessoas e oferecer um serviço de amor à humanidade. Quem descobre que seu coração está feito para Deus e para o

<sup>12</sup> Deve-se deixar claro que isto não é desapropriação por causa da miséria. Ao contrário, é a decisão de viver sem precisar de nada que implique poder; desta forma, Jesus também está reconhecendo Deus como Aquele que dará a seus filhos tudo o que eles precisam no momento em que precisam, por causa de seu grande amor providente.

<sup>13</sup> G. PEREGO, *New Testament and Consecrated Life*, Ed. San Pablo, Madrid 2010, 193.



serviço, pode também reconhecer nesta escolha de amor que implica ser casto, pobre e obediente, o estilo de vida que o liberta para ser feliz e para fazer os outros felizes.

*“É o Espírito que desperta o desejo de uma resposta plena; é Ele quem guia o crescimento de tal desejo, levando à maturidade a resposta positiva e depois sustentando sua fiel realização; é Ele quem forma e plasma o ânimo dos chamados, configurando-os a Cristo casto, pobre e obediente, e levando-os a acolher como própria sua missão. Deixando-se guiar pelo Espírito em um caminho incessante de purificação, eles se tornam, dia após dia, pessoas cristiformes, o prolongamento na história de uma presença especial do Senhor Ressuscitado” (Vita Consecrata, 19).*

### Perguntas para reflexão pessoal e em grupo



1. Toda pessoa é chamada à vida e somente se explica sua razão de ser à luz de Cristo, o Verbo Encarnado. O que isto quer dizer?
2. Você já ouviu falar de Cristo como um “primeiro chamado”? O que significa para nós sermos batizadas em seu Nome?
3. Você sabia que Jesus viveu celibatário, pobre e em total disponibilidade para Deus sendo obediente? Como saber disso ajuda você a viver sua própria vocação?



## ANIMAÇÃO VOCACIONAL E A FIGURA DO ANIMADOR VOCACIONAL<sup>14</sup>

### Objetivo

Aprofundar no conceito de animação e de animador vocacional a fim de desenvolver um trabalho eficaz em nossas equipes de animação vocacional ou Serviço de Animação Vocacional.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. O que é a animação vocacional?

##### a) A figura da animação vocacional

Animação refere-se sobretudo à ação com a qual se tenta dar alma (*animar* ou *dar vida*) a algo em geral ou a alguém (reanimação).

A “animação vocacional” pode ser definida como *uma ação eclesial que procura destacar o chamado que Deus, em Cristo, faz a cada pessoa.*

Então devemos acrescentar que na animação vocacional convergem múltiplas operações que podem ser lidas a partir de perspectivas diferentes e complementares. Acima de tudo, será necessário captar e destacar a ação vocativa (animadora) de Deus. E, na medida em que esta mesma ação se expresse na realidade da Igreja, a animação vocacional será objeto de consideração específica no âmbito da práxis pastoral, chegando também a fazer uso de uma série de competências de caráter científico, tais como técnicas psicopedagógicas de animação<sup>15</sup>.

##### b) Animação em sentido teológico-espiritual

Podemos distinguir entre dois níveis complementares de animação: a *animação espiritual*, que descreve a ação criadora e fundante do Espírito de Jesus, e outra de *animação pastoral*, através da qual o crente se permite ser configurado e guiado por esse mesmo Espírito. Desta forma, torna-se evidente que o Espírito Santo, que sempre anima a comunidade crente, põe em marcha uma animação vocacional primária. Atingir este nível primário de animação vocacional significa, então, compreender o valor e os limites de uma animação vocacional conseqüente.

Uma pastoral *vocacional* devidamente animada nunca terá a competência de chamar, o que é algo próprio do Espírito (Jo 3,8), mas de estar a serviço de

<sup>14</sup> Este tema é fundamentalmente tirado de W. MAGNIN, “Animação Vocacional” e MAGNIN, W. “Animador Vocacional”, in: E. BORILE, L. CABBIA, E L. MAGNO (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005.

<sup>15</sup> Mesmo de técnicas e recursos da ludia, já que quem joga, gosta; e quem gosta, sente no corpo que está à procura de algo real, não passageiro. Por exemplo: ver que uma vocação vivida, é desfrutada ao máximo, faz de você um elemento pessoal.



Sua ação como voz, no sentido de continuamente *chamar* os crentes a Ele, permitindo assim que Sua voz e Sua Palavra ressoem incessantemente. Este é o lugar onde todo trabalho de animação está situado.

### c) Técnicas psicopedagógicas de animação

A animação tem suas raízes em todos os atos cujo propósito é dar vida e alma. Por esta razão, a palavra “animação” pode ter usos muito diferentes: animação teatral, animação cultural, animação de lazer e tempo livre, animação como um conjunto de técnicas e instrumentos para o trabalho em grupo.

A *animação vocacional no sentido pedagógico* é dirigida, em princípio, a todas as faixas etárias, embora seja verdade que seu principal campo de ação são as crianças, adolescentes e jovens, tentando colocar o próprio jovem, com todo seu amplo potencial, no centro da ação, seguindo uma linha pedagógica.

### d) Animação vocacional nos documentos do Magistério

Nos documentos conciliares encontramos a expressão “*animação cristã*” para pedir uma presença mais viva dos leigos nas realidades temporais. Por outro lado, em alguns documentos da Santa Sé, se utilizam preferentemente os verbos “favorecer” e “promover” ou “coordenar” as vocações. Também são utilizados: *aumento, cultivo, despertar, cuidado das vocações*.

Deve-se acrescentar que as mudanças na forma de chamar este setor da pastoral muitas vezes correspondem a uma mudança nos contextos em que se desenvolve. Como diz Frei Fabián López Martín:

“Não é estranho que os conceitos de “promoção vocacional”, “promotor vocacional”, tendam a ser substituídos por outros conceitos, tais como: “coordenador vocacional”, “animador vocacional”, “agentes de animação vocacional”, etc. Desta forma, fica clara a ruptura entre uma forma específica de entender o serviço de promoção vocacional e um novo modelo que está emergindo fortemente.

Com esta substituição dos modelos da animação vocacional, embora apreciando os esforços de tantos “promotores vocacionais” que se entregaram plenamente a este trabalho, um alívio dinâmico é alegremente assumido neste grande serviço na educação da fé. Tal substituição de um esquema de trabalho anterior por um novo não pretende ser o início de um estilo melhor, mas simplesmente tenta estar ciente das novas circunstâncias em que vivemos hoje e às quais tentamos oferecer uma resposta adequada”<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> LOPEZ MARTIN, F, *Nova abordagem da animação vocacional*.



### **e) A animação vocacional na práxis pastoral**

Como a animação vocacional se encaixa na práxis (prática) pastoral? O principal alvo da pastoral vocacional é quase sempre os jovens, que tendem a unificar em geral uma grande parte da ação evangelizadora da Igreja particular. Por esta razão, é necessário criar unidade na ação pastoral para que, através de caminhos articulados e contínuos, contribua para o amadurecimento da vocação pessoal. Isto exige que se parta sempre da situação concreta das crianças, adolescentes e jovens, traçando um caminho gradual e específico que permita que se realize na pessoa interessada a Palavra que Deus tem pronunciado desde sempre sobre ela (cf. Lc 1,38).

Assim, podemos tentar descrever as etapas fundamentais da pastoral vocacional, na qual a animação vocacional - como *fase de solicitação e descoberta inicial do que Deus quer para cada um* - é algo primário e decisivo. É um momento confiado sobretudo à comunidade cristã e às muitas ocasiões oferecidas pela pastoral ordinária, a fim de favorecer um encontro com as diferentes perspectivas vocacionais presentes naquela comunidade cristã.

Neste primeiro nível, a especificação vocacional ainda está implícita, mas é fundamental ajudar ao jovem, homem e mulher, a entender que na Igreja todos são chamados. É o momento de descobrir Cristo de uma maneira especial, de aproximar-se à oração pessoal e comunitária no contexto de uma experiência litúrgica e sacramental mais intensa, de tomar consciência do caráter missionário da Igreja universal e local e da multiplicidade e especificidade dos dons e das vocações, de tornar-se sensível às necessidades do ambiente na busca de respostas adequadas. À etapa de animação vocacional, seguirão as de orientação, acompanhamento e formação vocacional específica.

### **f) Novas perspectivas de animação vocacional**

É importante, entretanto, reconhecer o peso e o condicionamento que *certos modelos culturais* têm até mesmo nas experiências de fé mais comprometidas, tais como a vocacional. Somente se a comunidade cristã realizar o complexo trabalho de animação vocacional poderá continuar a propor de forma convincente o seguimento cristão dos jovens de hoje.

Dois exemplos:

- Pensemos no que significa propor às crianças, adolescentes e jovens de hoje uma nova maneira de entender a *sequela Christi (seguimento de Cristo)*, não como uma fuga do mundo, mas como uma imersão radical nele.
- Pensemos sobre a capacidade da fé cristã de criar formas autênticas de pertença, mesmo sabendo que vivemos imersos em uma cultura de pertença fraca, seletiva e fragmentada.



Por outro lado, a vida ordinária traz consigo uma série de dinâmicas e exigências que acabam levantando questões que pouco têm a ver com aquelas que durante muito tempo lançaram as bases da espiritualidade cristã. Pensemos, por exemplo, na redescoberta da subjetividade, da atenção aos valores da amizade, da corporeidade, da festividade, da felicidade, etc.

Existem situações muito concretas que pertencem à cultura na qual os jovens estão imersos, como a temporalidade, a relatividade, a problemática, a consciência (resignada ou exaltada) de sua própria finitude como uma verdade de si mesmo. A animação vocacional também deve enfrentar estas situações hoje, estando muito consciente da grande ambiguidade que permeia estas dimensões da cultura atual.

## **2. Quem é animador vocacional?**

### **a) A figura do animador vocacional**

Podemos adiantar uma certa definição levando em conta tudo o que foi dito anteriormente sobre o conceito de animação vocacional: *"é aquele que realiza na comunidade cristã sua tarefa de acordo com o estilo e o método de animação vocacional"*.

### **b) Descrição da figura**

O que geralmente é entendido pelo termo animador vocacional? É geralmente entendido como um cristão maduro,<sup>17</sup> homem ou mulher, sacerdote, religioso, religiosa ou fiel leigo. Todos os batizados são, por definição, potenciais animadores vocacionais, embora, precisamente em virtude do batismo, este serviço (ministério) possa recair, conforme o caso e de forma específica, aos párocos, pais, catequistas ou educadores aos quais a comunidade cristã reconhece ou confia esta tarefa.

### **c) Contextos operacionais específicos**

O animador vocacional deve estar preparado para ser um animador de animadores, pois seu papel não se reduz apenas a ser um agente da pastoral vocacional, mas a sensibilizar a comunidade e preparar outros agentes pastorais para sentir um senso de responsabilidade vocacional.

O animador vocacional, dotado de uma grande capacidade de comunhão, está inserido nas atividades pastorais de sua paróquia ou escola, assegurando que a ação pastoral de sua comunidade, tanto como um todo, como nas intervenções específicas daqueles que nela trabalham, normalmente tenham em conta o aspecto vocacional.

---

<sup>17</sup> Por que um adulto? Maturidade, experiência de vida... é o que nos permite encorajar, dar vida. É necessário ter "crescido" oportuna e fielmente para se tornar um animador vocacional. Isto não implica perfeição, mas uma disposição madura para o serviço.



#### d) Ao serviço de uma nova cultura vocacional

O tema da pastoral vocacional que afeta a própria vida da Igreja de hoje consiste basicamente em tornar cada batizado consciente de que ele é o sujeito de uma resposta vocacional. É aqui que a profecia do animador vocacional deve ser revista, acima de tudo.

Que intervenções podem ser úteis e significativas? O primeiro elemento que um animador vocacional deve ter em mente é a *linguagem* a ser usada ao propor uma vocação hoje. Na era da manipulação típica da mídia, não é difícil que uma espécie de “pânico de manipulação” apareça, inclusive, na atividade do animador vocacional. Porque, diante da diminuição do número de sacerdotes e religiosos, e diante do fracasso de muitos casamentos, é necessário que alguém se encarregue de fazer algo, o que seja possível. O raciocínio do “pânico de manipulação” reduz as opções da vida a algo puramente instrumental. Portanto, novas palavras devem ser encontradas para falar de uma nova maneira sobre a pobreza, a obediência e a castidade cristãs, e também do casamento e da missão própria da Igreja.

Resumindo o que foi dito tanto do animador vocacional quanto da tarefa de animação vocacional, observemos a seguinte orientação:

*“Sem uma mudança real na mentalidade da comunidade eclesial, a promoção e o cultivo das vocações não prosperarão como deveriam. De fato, se todo cristão não vive sua existência como vocação, o cuidado pastoral da juventude e das vocações carece do apoio necessário para produzir os frutos desejados. Sem dúvida existem atualmente louváveis iniciativas e ações para propor aos jovens a vocação à vida consagrada ou ao ministério pastoral, mas por que eles são tão infrutíferos? A resposta à pergunta é complexa e não pode ser simplificada, já que muitas dimensões diferentes entram em jogo; no entanto, uma observação é significativamente importante para nossa consideração: todo o Povo de Deus parece não se sentir responsável pelo tema vocacional. Esta, portanto, é a urgência que a ação pastoral deve abordar: marcar a existência cristã com a marca vocacional”<sup>18</sup>.*

#### Perguntas para reflexão pessoal e em grupo



1. Você pode definir em breves palavras a tarefa da animação vocacional e compartilhá-la com alguém?
2. Você se sente como um animador vocacional? De acordo com o que você leu, como você pode melhorar seu serviço e de que forma concreta?

<sup>18</sup> BRAVO A., *Seguir a Cristo, de la vocación a las vocaciones*, Ed. Sígueme, Salamanca 2009, 133.

## COMUNIDADE VOCACIONAL<sup>19</sup>

### Objetivo

Gerar consciência da necessidade de formar comunidades vivas que fomentem uma autêntica cultura vocacional sem exigir esforços isolados de um animador vocacional que normalmente trabalha sozinho.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. Animar vocacionalmente em comunidade

Na comunidade cristã e religiosa, todos nós devemos ser animadores vocacionais. No entanto, a “cultura da vocação” continua sendo um assunto pendente hoje. O pouco ou médio envolvimento dos leigos e religiosos na tarefa de animação vocacional nos indica que não podemos tomar como certa a “cultura da vocação” e suas repercussões concretas no trabalho pastoral. Portanto, é necessário continuar insistindo nisso, para que possa ser dado um passo adiante em nossas comunidades.

O ponto central do compromisso concreto da comunidade cristã e da comunidade religiosa com a “cultura da vocação” está na renovação e revitalização da vida comunitária. Nas comunidades em que é possível descobrir, viver e celebrar intensamente a própria vocação, a vida de oração, as relações fraternas, o compromisso com a missão, a acolhida vocacional, serão aquelas em que poderão surgir vocações genuínas.

O Papa Francisco colocou a Igreja em um êxodo, uma partida, para ir às periferias, onde a vida grita e onde o bálsamo do Evangelho pode ser alcançado, curando feridas, enfaixando corações partidos e despertando a vida e a esperança na alma das pessoas. A *comunidade cristã e religiosa* será relevante, fermento na massa, quando estiver atenta aos sinais dos tempos, quando for capaz de captar e atender as necessidades reais das pessoas ao seu redor, e não esperar que elas se dirijam à sacristia e falem de suas necessidades. Não devemos economizar energia na tarefa de redescobrir uma mínima “brecha” evangelizadora que coloque a comunidade em autêntica missão.

#### 2. Distribuição de tarefas na comunidade vocacional

a) *Equipes de Animação Vocacional (EAVs) ou Serviço de Animação Vocacional (SAV's)*. Algumas das equipes de animação vocacional vêm funcionando em várias partes de nossa ordem há quase 20 anos; em algumas partes menos e em outras ainda não existe. Devemos reconhecer e agradecer que essas equipes desenvolveram diversas iniciativas em vários de nossos

<sup>19</sup> Este tópico é um extrato do artigo de Fr. Fabián López Martín OAR, “Do ‘Animador Vocacional’ à ‘Comunidade Vocacional’”, na *Recollectio* 38 (2015) 255-277.



ministérios, apesar do cansaço e do desgaste dos anos; é mérito delas manter o entusiasmo pelo Serviço de Animação Vocacional. Os próximos anos serão fundamentais para fortalecer e expandir o número de membros da equipe que funcionam bem, e criá-los onde eles não existem. Também será necessário oferecer a estas equipes uma formação que esteja à altura das exigências de nosso tempo.

Esta estrutura de missão compartilhada com os leigos através das equipes de animação vocacional ou SAV é o que nós agostinianos recoletos buscamos realizar em nossos ministérios. Existem outras alternativas de missão compartilhada na pastoral vocacional? Possivelmente sim. Na verdade, as estruturas podem mudar. O que não volta atrás é a *corresponsabilidade* de todos nós que formamos a Igreja no compromisso da animação vocacional, embora haja sempre pessoas mais diretamente envolvidas na coordenação deste serviço.

- a) *O trabalho dos orientadores.* O papel do orientador vocacional está bastante desgastado ou distorcido entre os religiosos. É necessário rezar não somente pelas vocações, mas também pelas vocações para a animação vocacional. Ousamos dizer que aquilo que fará a diferença na animação vocacional será o serviço que realize o orientador vocacional no momento de convocar e formar a equipe de animação vocacional ou SAV, rezando e refletindo juntos, propondo iniciativas e programando-as.
- b) *Incorporação aos grupos de pastoral vocacional das dioceses.* Isto não é uma emergência no momento, mas uma nota característica da “cultura das vocações”: as vocações são para a Igreja, e o Espírito as dá àqueles que Ele quer e como Ele as quer, além do simples proselitismo vocacional. Portanto, devemos “pescar” em uma rede ou devemos “ficar emaranhados” para pescar. Quanto mais relacionamentos com pessoas concretas comprometidas com a pastoral vocacional, mais o horizonte da “cultura vocacional” será ampliado e mais abriremos portas para nós mesmos. Em muitas partes de nossa Ordem ainda é um assunto pendente para nos ligarmos a essas equipes de pastoral vocacional.
- c) *Oferecer lugares de referência para a oração, o acompanhamento e o discernimento vocacional.* É necessário, como tantas vezes insistiu São João Paulo II, propor uma “cultura vocacional” que saiba reconhecer e acolher aquela inspiração profunda do homem, que o chama a descobrir que somente Cristo pode dizer-lhe toda a verdade sobre sua vida. Neste sentido, os centros de espiritualidade estão representando um espaço e uma atmosfera adequados para a formação na fé e na evangelização. Além disso, eles podem tornar-se lugares onde se pode acompanhar no encontro com Deus e consigo mesmo.
- d) *Investir recursos humanos e materiais na formação dos agentes de animação vocacional.* É uma necessidade cada vez mais urgente poder contar com religiosos e leigos que são profissionalmente treinados para produzir materiais



de qualidade relacionados à pastoral juvenil e vocacional, para estar na web e em redes sociais de forma significativa, realizar acompanhamento vocacional e dirigir escolas de oração.

- e) *Presença na web e nas redes sociais.* Devemos estar cada vez mais presentes nas mídias sociais, como qualquer outro grupo que procura oferecer algo significativo para a sociedade. Em nosso caso, estamos falando de propor a Boa Nova que desperta uma vida de relacionamento com Deus e que, por sua vez, torna possível responder ao chamado de Deus. Neste sentido, seria bom poder contar com pessoas especializadas. Além disso, é exigente ter e manter uma presença de qualidade na rede, por isso é fundamental fornecer meios materiais para torná-los atraentes.
- f) *A “cultura vocacional” entre os professos simples (religiosos de votos temporários).* Uma área na qual estamos desempenhando um grande papel em relação à “cultura da vocação” é a da formação dos professos simples neste novo paradigma da cultura vocacional. Se eles estiverem convencidos deste novo estilo de animação vocacional, este serviço estará, em princípio, no caminho certo nos próximos anos. Porém, insistimos, é necessário buscar uma adequada formação específica para uma boa formação no trabalho vocacional.
- g) *Acompanhamento vocacional.* Com o serviço deste ministério, procuramos ajudar e estimular cada cristão a tomar consciência do dom recebido e da responsabilidade que esse dom traz consigo.

## **8. Na comunidade vocacional, todos nós contribuimos**

Apontamos agora algumas iniciativas e atitudes nas quais toda a comunidade cristã e a comunidade religiosa podem estar envolvidas além da idade, habilidades, estilo e sensibilidade pastoral:

- a) O fundamento de toda animação vocacional, o coração deste serviço na Igreja, é a oração insistente ao Senhor da messe para enviar operários para sua messe (Mt 9, 38). A oração é o primeiro e mais importante meio para a animação das vocações.
- b) Nada é mais provocador do que o testemunho apaixonado da vocação que Deus deu a cada um; somente desta forma aquele que é chamado pode desencadear, por sua vez, o chamado nos outros (Cf. *Perfectae caritatis*, 24). “O exemplo da própria vida humilde, laboriosa e penitente, realizada com alegria, é a melhor apresentação da Ordem e o melhor convite para abraçar a vida religiosa nela” (Constituições OAR, 158). Esta será a forma pela qual nossa vocação será uma resposta à busca de sentido e fundação dos jovens que nos conhecem.
- c) É também muito importante o testemunho comunitário de uma vida disposta de acordo com o Evangelho. A vida fraterna em comunidade deixa claro, numa linguagem de fácil compreensão, que vários irmãos se encontram



diariamente em Cristo e com Cristo, rezam, compartilham suas vidas e se põem a serviço dos outros.

- d) Os jovens compreendem a força ou fraqueza de nossos laços fraternais. A qualidade de nossa vida comunitária será uma das portas através das quais eles chamarão para possíveis vocações de consagração especial.
- e) Todos nós podemos estar envolvidos na tarefa da animação vocacional de forma pessoal e comunitária, estando abertos para acolher calorosamente em nossas comunidades possíveis vocações.
- f) Tanto os religiosos como os leigos que integram nossas equipes de animação vocacional ou SAV devem estar sempre dispostos a dar sentido de sua esperança vocacional (1 Pd 3, 15), oferecendo catequeses adequadas que orientem as novas gerações na busca de Deus e que sublinhem a beleza do seguimento de Cristo com uma proposta explícita: "Vinde ver" (Jo 1, 46). No compromisso com a animação vocacional é importante que retomemos a estrutura vocacional da vida humana e anunciemos a vida como uma vocação.
- g) Em nossas comunidades pode-se apreciar um momento particular de síntese, partilha de experiência: religiosos mais idosos com algum jovem. Os religiosos mais velhos podem ajudar muito na animação vocacional. A maioria deles são verdadeiros sábios que chegaram a descobrir o que realmente conta e importa; eles são um presente de Deus para nossas comunidades. Quando entram em contato com os jovens, eles podem fazer um trabalho maravilhoso no acompanhamento espiritual e no discernimento vocacional.
- h) Para aqueles de nós que têm fé - e a animação vocacional requer uma fé forte - sabemos que a história está nas mãos de Deus e que ela é uma história de amor e salvação. Esta confiança básica nos permitirá dar o passo do cansaço e resignação pelos poucos frutos, a um novo impulso que tornará transparente a beleza de nossa própria vocação.
- i) Confiemos na "atualidade" do carisma de nossa família religiosa; Santo Agostinho e a inspiração recoleta estão vivos, graças a Deus, em nós. Por esta razão, no Capítulo Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos, celebrado em Roma, no ano de 2010, propôs revitalizar a Ordem a partir de sua própria identidade carismática, para melhor cumprir sua missão evangelizadora. Este objetivo nasce da gratidão pela riqueza do carisma de nossa família religiosa, um dom precioso que Deus deu à sua Igreja e ao mundo. Portanto, devemos buscar o modo de tornar visível os benefícios de nosso carisma, pois, somente assim nossas comunidades serão presenças significativas nas igrejas locais.

Vamos encerrar este tema com uma frase do Papa Francisco que, sem dúvida, desafia todas as comunidades:



*“Em muitos lugares as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada são escassas. Isto se deve, frequentemente, à ausência nas comunidades de um fervor apostólico contagioso, que não excita nem desperta atração. Onde há vida, fervor, um desejo de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas. Mesmo em paróquias onde os padres não são muito dedicados e alegres, é a vida fraterna e fervorosa da comunidade que desperta o desejo de consagrar-se inteiramente a Deus e à evangelização, especialmente se essa comunidade vive orando insistentemente pelas vocações e ousa propor a seus jovens um caminho de consagração especial” (Evangelii Gaudium, 107).*

### **Perguntas para reflexão pessoal e em grupo**



1. Quais pontos do texto chamaram mais sua atenção? Quais você gostaria de compartilhar?
2. A Equipe de Animação Vocacional ou SAV a qual você faz parte é uma verdadeira “equipe”, uma comunidade onde todos se empenham?



